

JECA TATU E SUA IDENTIDADE NACIONAL

Palavras-chave

Identidade, Estudos
Culturais, Monteiro
Lobato.

Keywords

Identity, Cultural Studies,
Monteiro Lobato.

Biografia

▮ Graduanda do Curso
de Letras Espanhol,
Unibrasil.

Ieda Cristina da Rosa Ribeiro*

*“Nesses versos tão singelo minha bela
meu amor*

*pra você quero cantar minha tristeza,
minha dor (...)”*

*Eu nasci naquela serra num ranchinho
beira-chão*

*Todo cheio de buracos onde a lua faz
clarão (...)*

*Lá no mato tudo é triste desde o jeito
de falar*

*Pois o jeca quando canta dá vontade
de chorar (...)”r*

Angelino de Oliveira

RESUMO

Este artigo propõe uma análise do personagem Jeca-Tatu de Monteiro Lobato e demonstra como o autor de Urupês representa os sujeitos à margem da sociedade.

ABSTRACT

This article analyses Jeca-Tatu character of Monteiro Lobato and shows how the author of Urupês represents the marginal subjects of society.

INTRODUÇÃO

A figura de Jeca Tatu criada como metáfora da caipira brasileiro, pelo discurso de Monteiro Lobato é sustentada até hoje. O autor rotulou o caipira como “funesto, parasita da terra, o caboclo espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização...” (LOBATO, 1994, p.161).

Tal como urupês, parasitas que vegetam os ocos das árvores e que acabam por matá-las, assim seria o homem rural, afirmou Lobato em seu artigo “Urupês”. “(...) o caboclo é o sombrio urupês de pau podre amodorrar silencioso no recesso das grotas”. (LOBATO, 1994, p.176)

Embasados nas reflexões do teórico Stuart Hall, em seu livro *“A identidade cultural na pós-modernidade”*, durante esse artigo, vamos refletir sobre esse parasita. Por que ele foi caracterizado pejorativamente? Essa identidade cultural do caipira ainda permanece e é identificada em outras culturas nacionais, 92 anos após a criação do Jeca?

Para iniciarmos essa discussão, julgamos importante apresentar uma breve biografia de Monteiro Lobato, o que permitiria situá-lo nos acontecimentos de sua época e entender sua ideologia, suas denominações, como próprio Jeca Tatu. Talvez, nem o próprio escritor pudesse imaginar a dimensão dessas idéias nos dias atuais no pensamento brasileiro.

O AUTOR E O CONTEXTO HISTÓRICO

Monteiro Lobato (1882 – 1948), o paulista de Taubaté, foi um dos escritores brasileiros de maior expressão. Isso se deu devido a sua atuação como intelectual; ao seu caráter polêmico, principalmente na luta política e social, além de seu pioneirismo na produção de histórias infantis brasileiras.

Monteiro Lobato fez parte dos autores de uma fase de transição literária, situada numa fase pré-modernista. Seu interesse maior era descrever com simplicidade a realidade e a condição do homem brasileiro. O que Lobato mais retratou, principalmente em seus contos, foi a população pobre das pequenas vilas no Vale do Paraíba.

Logo após sua conclusão no curso de Direito, herdou a fazenda de seu avô e resolveu dedicar-se à agricultura. No Vale do Paraíba, região onde estava localizada sua fazenda havia muitas queimadas e, no inverno de 1914, Monteiro Lobato escreve ao Jornal “O Estado de São Paulo” dois artigos queixando-se, então, dos causadores de tais incêndios – os caboclos.

Em contrapartida, o jornal publica o artigo *Velha Praga*”, com pouca

repercussão, mas o assunto começou a ficar latente e Lobato aborda-o novamente com um segundo texto, publicado em 23 de dezembro do mesmo ano chamado “*Urupês*”, tornando o personagem Jeca Tatu, o caipira mais famoso, por ser bobo e ingênuo.

A questão agita todas as camadas sociais e, em 1918, Lobato resolve reunir seus artigos em um só livro intitulado “*Urupês*”. Essa agitação, TOLEDO (1999) define como a polêmica do Jeca Tatu.

Jeca foi o assombro de 1919. Na verdade, o livro “*Urupês*”, do qual fazia parte, saíra um ano antes, e antes ainda figurara nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo. Mas foi em 1919 que estourou, ao ser citado por Rui Barbosa, (...), numa conferência. Rui Barbosa pela segunda vez se apresentava, naquele ano, como candidato a presidência da República – e pela segunda vez seria derrotado. O personagem criado pelo jovem autor paulista veio-lhe a calhar, como símbolo de imprevidência de sucessivos governos para com a gente comum dos fundões do Brasil. Estava aberta a polêmica do Jeca.

Esses fatos levaram Lobato à fama e de fazendeiro passou para o ramo editorial, criando a primeira editora nacional, a “Monteiro Lobato e Cia” e, mais tarde, a “Companhia Nacional” e a “Editora Brasiliense”.

Na década de 30, lutou fervorosamente em defesa dos recursos minerais, enfrentando a fúria de grandes empresas multinacionais. Em 1936, publicou o livro “O escândalo do petróleo”, no qual denunciava o jogo de interesses das multinacionais, além do governo brasileiro.

Em 1941, durante a ditadura de Getúlio Vargas, as suas denúncias e ataques ao governo, através da literatura, o levaram à prisão, fato que provocou intensa comoção ao país.

A TRISTEZA DE MONTEIRO LOBATO E DE JECA TATU

Nacionalista que era, Lobato tinha como características em suas obras o regionalismo e a denúncia social. Com a publicação de “*Urupês*” (1918), cujo personagem central é Jeca Tatu – “caboclo que vegeta de cócoras”, “piolho-da-terra” – ele expõe sua crítica ao indivíduo interiorano, e a sua estagnação diante do desenvolvimento econômico do País, mais especificamente, na zona rural. Diante disso, o caipira simbolizava o atraso para o progresso.

No ensaio de TOLEDO (1999) há um trecho que explana bem essa crítica:

Lobato pretendia denunciar a mistificação dos que na literatura, como na política, apresentavam o caboclo como um tipo heróico, engenhoso e sábio de uma rudeza primitiva como antes, José de Alencar romantizara os índios, transmutando-os em tipos

nobre e belos com Peri de ‘O Guarani’. ‘Pobre Jeca Tatu!, escreveu Lobato, ‘Como és bonito no romance e feio na realidade’.

De acordo com SCLAIR (2003, p. 228), “o autor mudou de opinião quando leu o relatório ‘saneamento do Brasil’, dos sanitaristas Artur Neiva e Belisário Pena, atrás do qual havia uma polêmica que não tinha a ver apenas com saúde pública, mas com uma visão do Brasil”.

Com o tempo, o escritor conscientiza-se de que aquela população que ele criticava era subnutrida e, o fato de o caboclo manter-se de cócoras, não indicava preguiça, mas a fraqueza, motivada pela verminose. Tal imagem denotava debilidade na saúde básica, além de dificuldade de acesso ao estudo e à cultura. O homem rural estava doente e a sua rotina era movimentada apelo marasmo, seu jeito ignorante e deprimente caracterizava seu caipirismo.

O ex-fazendeiro arrependeu-se, admitiu ter sido injusto, pois percebeu que o matuto do interior não era um sujeito preguiçoso geneticamente, porém se encontrava assim por causa das doenças epidêmicas do Brasil das primeiras décadas do século XX.

No jornal “O Estado de São Paulo”, através de uma série de artigos transformados no livro “*O Problema Vital*” (1927), Lobato se redime afirmando que o “Jeca não é assim, mas está assim”. Entretanto, o rótulo do caboclo já estava sedimentado pela propagação de suas idéias e esse mesmo caboclo já havia assumido essa identidade, que era falsa.

JECA TATU E SUAS VÁRIAS REPRESENTAÇÕES

*“Jeca Total deve ser Jeca Tatu presente, passado
Representante da gente no senado em plena sessão
Defendendo um projeto que eleva o teto Salarial no sertão*

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu doente curado
Representante da gente na sala defronte da televisão
Assistindo Gabriela viver tantas cores dores da emancipação*

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu um ente querido
Representante da gente no olimpo da imaginação
Imaginacionando o que seria a criação
De um ditado Dito popular Mito da mitologia brasileira
Jeca Total (...)”
Gilberto Gil*

Até o momento, conseguimos definir a caracterização do caipira, através do personagem Jeca Tatu, e como essa identidade do caipira foi criando raízes, agora vamos focar o caipirismo no sujeito brasileiro, sujeito esse, segundo HALL (1998, p.12) “previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, este se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

A formação desse discurso sobre a identidade do homem interior como caipira preguiçoso e retrógrado configura o que chamamos de “desestabilização das identidades” ou “concepções mutantes do sujeito moderno”, na “modernidade tardia” como define HALL (1998, p. 23).

“Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos”. (HALL, 1998, pág. 50)

Com base nesse conceito de formação de cultura, observamos que as idéias vão sendo articuladas entre si, potencializando-se nos pensamentos dos indivíduos até formarem uma ideologia, que resulta em várias denominações do sujeito – o sujeito fragmentado.

Isso nos mostra que a identidade cristalizada na figura do Jeca Tatu estava no âmbito de discurso, o que não significa uma concepção verdadeira da realidade.

O sujeito pós-moderno na modernidade tardia se constitui dentro de um conjunto de vários discursos elaborados, como já vimos anteriormente, de ideologias processadas e depois pré-estabelecidas. A sociedade vive então um processo dinâmico de absorver e sedimentar várias identidades. Conforme HALL (1998, p. 13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções (...)”.

Baseando-se nisso, em nossa sociedade atual, o Jeca Tatu está presente, não somente na classe dos menos favorecidos, mas em qualquer classe social, basta o indivíduo assumir essa identidade e ser inoperante, indolente, alienado; vivendo num marasmo em que “seu grande cuidado é sempre espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço”. (LOBATO, 1994, p.168)

Tudo isso demonstra que a população em geral se vê passiva diante das transformações sócio-culturais, ocorre que o caipira Jeca Tatu, que era como era, não por iniciativa própria, as pelas pressões e problemas inseridos na sociedade.

Jecas existem nos dias de hoje, no interior, na metrópole, carentes de um “saneamento básico” – a revolução mental, cultural, aquela que Monteiro Lobato almejava.

A questão da identidade cultural é ampla e vem sendo discutida por teóricos, pois não há como ignorar o quanto à sociedade vem sofrendo mudanças

em suas estruturas.

Essas estruturas são concebidas pelo discurso que resultam de concepções ideológicas, a ideologia. O discurso passa por transformações do tempo e do espaço e pode ser reestruturado no contexto local e social e atestamos isso na identidade do caipira, criado a partir do personagem de Monteiro Lobato sendo essa uma das faces da identidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

CEREJA, Willian Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira em diálogo com outras literaturas e outras linguagens**. 3.ed ver. e amp. São Paulo: Atual, 2005.

GIL, Gilberto. **Jeca Total**. Disponível em: www.gilbertogil.com.br/sec_discografia_obra.php?id=168. Acessado em 22/09/06.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1998.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo; Brasiliense: 1994.

OLIVEIRA, Angelino. **A tristeza do jeca**. Disponível em <http://www.mvhp.com.br/violac5.htm>. Acessado em 15/09/96

SCLAIR, Moacir. **Saturno nos Trópicos – A melancolia européia chega ao Brasil**. 1.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A polêmica do Jeca Tatu, oitenta anos depois. **VEJA**, São Paulo: Abril, p.162, 10 mar, 1999.